

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT14.015

A TERTÚLIA DIALÓGICA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO PARA REDUÇÃO DE RISCOS E DESASTRES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Rejane Lucena¹

Ilka Porfírio e Silva²

Dameres Lopes de Albuquerque³

Maria Cristina Camaroti da Silva Bastos⁴

- 1 Pós-doutora em Educação para Redução de Riscos e Desastres pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); doutora em Engenharia Civil pela UFPE; mestra em Gestão Pública pela Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ); graduada em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Geografia pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e Pedagogia pelo Centro Universitário Joaquim Nabuco (UNINABUCO); pesquisadora nas áreas de Educação para Redução de Riscos e Desastres, resiliência comunitária e comunicação de risco; tecnologista do Centro de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN) de São José dos Campos, São Paulo, Brasil, rejane.lucena@cemaden.gov.br.
- 2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR); especialista em Política e Gestão Educacional em Redes Públicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); professora efetiva e gestora escolar pela Prefeitura de Camaragibe, ilkaporfitorio3@gmail.com.
- 3 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); especialista em Gestão de Políticas Públicas pela UFPE e em Direitos Humanos pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap); graduada em Direito pela Unicap e em Serviço Social pela UFPE; servidora pública da Secretaria de saúde do Recife-PE, e-mail: dameres.albuquerque@ufpe.br.
- 4 Mestra em Linguística e Ensino pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); especialista em Administração Escolar e Planejamento Educacional pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Psicopedagogia pela Universidade de Pernambuco (UPE) e em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Lisboa Portugal; Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), cris_camarotti@yahoo.com.br.

RESUMO

Neste estudo, apresenta-se uma experiência pedagógica desenvolvida com 63 estudantes do 5º ano da Escola Municipal Santa Teresa, em Camaragibe-PE, articulado à metodologia da Tertúlia Dialógica aos princípios da Educação para Redução de Riscos e Desastres (ERRD). A proposta teve como objetivo promover uma aprendizagem significativa, participativa e contextualizada, estimulando o pensamento crítico, a escuta sensível e o protagonismo estudantil diante dos desafios socioambientais do território. A pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa, fundamentada nos princípios da Ciência Cidadã, valorizando a observação, a interpretação e a participação ativa das crianças em processos de análise e transformação do espaço onde vivem. A metodologia estruturou-se em cinco etapas: escolha coletiva da obra mediadora, realização de atividades interdisciplinares, reconhecimento do território por meio de mapeamento participativo, criação artística e escrita reflexiva e culminância na Tertúlia Dialógica. As ações envolveram leitura compartilhada de uma história em quadrinhos sobre participação e redução de riscos, debates orientados, práticas investigativas no entorno escolar e elaboração de desenhos e propostas de melhoria do bairro. Os resultados evidenciaram avanços no desenvolvimento de habilidades socioemocionais, ampliando a autonomia intelectual, a cooperação e a capacidade argumentativa dos estudantes. Verificou-se também o fortalecimento da consciência socioambiental, da compreensão dos conceitos de risco, desastres, cuidado e senso de responsabilidade coletiva em face das vulnerabilidades do território. Conclui-se que a Tertúlia Dialógica, integrada à ERRD e à perspectiva da pesquisa participativa, configura-se como estratégia pedagógica potente para a formação cidadã, contribuindo para uma cultura escolar democrática, colaborativa e comprometida com a justiça socioambiental e a prevenção de desastres.

Palavras-chave: Tertúlia dialógica, ERRD, Educação crítica, ODS, Ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

A Tertúlia Dialógica, idealizada por Ramón Flecha em 1978 na escola de adultos La Verneda Sant-Martí, em Barcelona, constitui-se em uma proposta pedagógica inovadora que valoriza o diálogo como instrumento de construção coletiva do conhecimento. O conceito tertúlia remete, originalmente, à ideia de encontro, sendo apropriado em contextos educativos para indicar espaços de diálogo coletivo e construção compartilhada do conhecimento. Nesse sentido, para além da Tertúlia Dialógica, reconhecem-se outras modalidades dessa prática, como a Tertúlia Literária Dialógica, a Tertúlia Dialógica Musical, a Tertúlia Dialógica Científica, a Tertúlia Dialógica de Artes e a Tertúlia Dialógica de Matemática. A Tertúlia Dialógica configura-se, portanto, como um espaço de interlocução horizontal pautado no diálogo igualitário, que promove tanto o desenvolvimento pessoal quanto a transformação do contexto social imediato (FLECHA; MELLO, 2005).

As Tertúlias Dialógicas, fundamentadas na proposta das Comunidades de Aprendizagem, promovem uma abordagem educativa transformadora, ancorada no diálogo igualitário e na valorização da inteligência cultural. Essa metodologia, difundida no Brasil pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos (NIASE/UFSCar), integra princípios que articulam leitura, construção de sentidos e solidariedade. Para além do estímulo à leitura, as tertúlias impulsionam processos de emancipação individual e coletiva por meio da aprendizagem dialógica (FLECHA; MELLO, 2005).

Inspirada nos princípios da aprendizagem dialógica e na perspectiva libertadora de Paulo Freire, essa metodologia tem ganhado destaque em diferentes contextos educacionais, ao fomentar a escuta ativa, o respeito à diversidade de ideias e a participação igualitária de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, a prática da Tertúlia Dialógica no Ensino Fundamental dialoga diretamente com a concepção freiriana de diálogo como instru-

mento de transformação social. Ao afirmar que “ninguém pode dizer a sua palavra sozinha, ou dizê-la para os outros” (FREIRE, 1987, p. 78), Freire lembra da importância de garantir que todas as crianças tenham voz ativa no processo de construção do conhecimento. Além disso, o autor reforça que é na interação e no convívio com o outro que o sujeito se forma e se reconhece como parte de uma comunidade, evidenciando que o diálogo é fundamento ético e político para a emancipação humana e para a prática da liberdade (FREIRE, 1981).

No universo escolar, as tertúlias possibilitam que estudantes compartilhem suas leituras, experiências e interpretações em um ambiente de escuta e respeito mútuo, valorizando a diversidade de saberes adquiridos com as vivências. Dessa forma, elas possibilitam o desenvolvimento da leitura, bem como a formação de sujeitos críticos e participativos, capazes de refletir sobre o mundo e suas interfaces com o seu cotidiano.

No cenário da Rede Municipal de Educação de Camaragibe, em Pernambuco (PE), Brasil, a inserção das Tertúlias Dialógicas tem representado transformações significativas, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Ao criar espaços de leitura compartilhada, diálogo crítico e escuta ativa, a prática pedagógica tem-se revelado um instrumento potente para a construção da autonomia e protagonismo dos(as) estudantes, o desenvolvimento do pensamento argumentativo e a ampliação da sensibilidade socioambiental. Mais do que ler, trata-se de promover encontros que despertam a consciência, instigam o posicionamento e fortalecem vínculos com o mundo e com o outro. Nesse sentido, inspirados por Freire (1996, p. 78), compreende-se que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, reafirmando-se que o ato educativo é essencialmente coletivo e transformador.

Neste artigo, integra-se o conceito da Tertúlia Dialógica à proposta da Educação para Redução de Riscos e Desastres (ERRD), tema de crescente preocupação da Organização das Nações Unidas (ONU), conforme o que se encontra sinalizado no Marco de Sendai (2015-2030) (UNITED

NATIONS OFFICE FOR DISASTER RISK REDUCTION, 2015) e nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), com destaque para os ODS 11 e 13 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015). Ambos ressaltam a importância de fomentar ações educativas voltadas à redução de riscos e desastres e à mitigação das mudanças climáticas no contexto escolar.

Neste estudo, tem-se como objetivo apresentar uma experiência pedagógica realizada com estudantes do 5º ano da Escola Municipal Santa Teresa, localizada em Camaragibe-PE, com foco na promoção de uma educação crítica, dialógica e participativa. A proposta estruturou-se a partir das Tertúlias Dialógicas, que demonstraram potencial significativo na formação de sujeitos conscientes de seu papel social e envolvidos com questões socioambientais, especialmente quando articuladas com a Ciência Cidadã e a aprendizagem pela ação. Nesse contexto, a Ciência Cidadã voltada à prevenção de riscos e desastres estimula práticas educativas que descentralizam o saber, desafiando modelos tradicionais ao promover uma construção coletiva do conhecimento pautada na vivência e no território (Olivato et al., 2023).

As oficinas da Tertúlia realizadas na escola utilizaram a história em quadrinhos (HQ) “Educação + Participação = uma equação para a redução do risco de desastres” (PAMPUCH; TRAJBER, 2024), organizada pelo Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (ICT/UNESP) e Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN). A cooperação com o Grupo de Engenharia Geotécnica de Encostas, Planícies e Desastres da Universidade Federal de Pernambuco (GEGEP/UFPE) consistiu na disponibilidade da cartilha para uso didático e no suporte aos recursos pedagógicos do Cemaden Educação, com consultas realizadas ao longo do desenvolvimento das atividades. Essa colaboração proporcionou envolvimento direto com a realidade local, articulando o conteúdo de HQ a ações cotidianas protagonizadas pelos educandos, como a construção do pluviômetro comunitário e a análise dos dados coletados, realizados coletivamente com os(as) estudantes em conjunto com pesquisadores do GEGEP/UFPE e as professoras da escola.

A oficina do pluviômetro não constitui elemento de análise deste artigo, configurando-se como atividade educativa voltada à promoção de leitura crítica do território e à participação social dos(as) estudantes, com interação com o conteúdo da HQ que reflete o tema.

A educação pautada pela Ciência Cidadã estimula o protagonismo dos(as) estudantes, conectando os saberes escolares às decisões coletivas e às políticas públicas voltadas ao bem comum (VIANA; QUEIROZ, 2020). Nesse sentido, a Ciência Cidadã voltada para a ERRD rompe com o modelo tradicional de produção e centralização do conhecimento, pois valoriza o saber coletivo, amplia a participação social e estimula a corresponsabilidade na construção de soluções. A educação e a redução de riscos e desastres (RRD) podem ter uma abordagem simbiótica, ou seja, podem ser absorvidas por outras áreas com as quais tenham afinidade.

A proposta pedagógica desenvolvida na escola a partir da HQ interliga-se à Lei nº 14.926, de 17 de julho de 2024, que altera a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999), assegurando atenção às mudanças do clima, à proteção da biodiversidade e aos riscos e vulnerabilidades a desastres socioambientais. A referida legislação enfatiza o papel das instituições de ensino na promoção de ações de prevenção, mitigação e adaptação em face dos desafios climáticos e socioambientais, reforçando a importância de práticas pedagógicas que estimulem a percepção de riscos e a construção de comunidades mais resilientes.

Ao valorizar o diálogo e a troca de saberes, a Tertúlia Dialógica integra-se aos princípios de uma educação transformadora, que compreende o conhecimento como construção coletiva em constante articulação com os contextos socioculturais.

DIÁLOGO, PARTICIPAÇÃO E APRENDIZAGEM SIGNIFICANTE

A Tertúlia Dialógica, enquanto prática pedagógica fundamentada no diálogo igualitário, emerge como uma estratégia potente no campo da ERRD. Ela estimula o pensamento crítico e a construção coletiva do

conhecimento a partir da escuta ativa e do respeito à diversidade de saberes. Essa metodologia pode ser interligada à pedagogia freiriana, pois rompe com o modelo tradicional de ensino bancário, ao compreender a educação como prática de liberdade, em que o conhecimento não é meramente transferido, mas construído conjuntamente entre educadores e educandos (Freire, 1996). Nesse processo, o diálogo é central, pois permite desmistificar a ciência e aproximá-la da realidade vivida pelos sujeitos, conforme destacado por Freire (2018), ao afirmar a importância de colocar a ciência em seu devido lugar, não hierarquizando-a, mas respeitando-a e compreendendo-a em sua dimensão humana.

Essa visão encontra ressonância na Ciência Cidadã, entendida como uma forma humanística e colaborativa de fazer ciência, que valoriza o engajamento das comunidades e a produção coletiva de saberes sobre questões socioambientais (SOUSA et al., 2022). No contexto escolar, a integração entre ERRD, Tertúlia Dialógica e Ciência Cidadã favorece uma aprendizagem transformadora, pois conecta os conteúdos escolares às experiências concretas dos(as) estudantes, possibilitando uma educação crítica, contextualizada e sensível às realidades locais e globais.

Nesse ponto, a contribuição de Rogers (1978) é fundamental, ao afirmar que a aprendizagem só se torna verdadeiramente significativa quando envolve tanto a razão quanto a emoção, despertando interesse genuíno e produzindo mudanças duradouras no modo de ser e agir do sujeito. Tal perspectiva dialoga com a visão de Freire (1987), para quem a dialogicidade é condição essencial para a construção do conhecimento libertador, e com a de Vygotsky (1991), ao reconhecer que o conhecimento se dá nas interações sociais mediadas pela linguagem.

Assim, ao articular o ensino com práticas dialógicas e participativas, cria-se um espaço pedagógico que estimula a autonomia, o senso crítico e a corresponsabilidade dos sujeitos em face dos desafios contemporâneos, especialmente no que diz respeito à redução de riscos e desastres socioambientais e à resiliência comunitária.

EDUCAÇÃO PARA REDUÇÃO DE RISCOS E DESASTRES: PRINCÍPIOS E DESAFIOS

A promulgação da Lei nº 14.926/2024, reacende o debate acerca da ERRD, uma temática que, embora reconhecida como essencial, nos últimos anos permaneceu em segundo plano. Ainda em 2012, a ERRD foi oficialmente incorporada ao currículo brasileiro por meio da Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (BRASIL, 2012). No entanto, sua implementação efetiva nas escolas públicas, sobretudo naquelas situadas em áreas de risco, continua sendo um desafio, marcado por ações pontuais, isoladas e desarticuladas. Essa lacuna se torna ainda mais preocupante diante do agravamento das mudanças climáticas e de seus impactos, conforme o que é alertado no ODS 13, que enfatiza a urgência de medidas voltadas à mitigação e adaptação às alterações ambientais globais.

A nova legislação fortalece esse cenário ao atualizar a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999) por meio da Lei nº 14.926/2024, trazendo atenção especial às mudanças climáticas, à proteção da biodiversidade e aos riscos de desastres socioambientais. No contexto escolar, esse avanço evidencia o papel fundamental das instituições de ensino na promoção de práticas pedagógicas que envolvam prevenção, mitigação e adaptação, estimulando a percepção de risco e o fortalecimento da resiliência comunitária.

A percepção de risco, nesse sentido, deve ser compreendida como um fenômeno socialmente construído, vinculado às experiências cotidianas e às relações que as comunidades estabelecem com o espaço habitado. Santos (1996) destaca que essa percepção está profundamente relacionada às práticas sociais, econômicas e culturais de cada grupo, que condicionam a forma de interpretar os perigos. De maneira complementar, Veyret (2011) afirma que os riscos só existem, na medida em que são vivenciados e interpretados pelas comunidades, reforçando sua dimensão como construções sociais.

Ao se reconhecer o caráter social dos riscos, torna-se essencial o fortalecimento da resiliência comunitária. Cardona (1991) conceitua a resiliência como a capacidade das comunidades de resistirem aos impactos de eventos adversos e de se reorganizarem após esses fenômenos, desenvolvendo mecanismos de resposta e adaptação. Trajber *et al.* (2016) acrescentam que a educação ambiental deve ampliar sua atuação, articulando sustentabilidade, mudanças climáticas e a construção de uma cultura de prevenção. Essa integração é especialmente importante para populações vulneráveis, que são as mais afetadas pelos desastres socioambientais.

Nesse horizonte, a ERRD apresenta-se como um processo educativo transformador, capaz de formar sujeitos críticos, solidários e conscientes de seu papel na sociedade. Seu enfoque ultrapassa a transmissão de informações e busca desenvolver habilidades e atitudes voltadas à prevenção, preparação e resposta a desastres, promovendo uma cultura de responsabilidade coletiva em face das vulnerabilidades existentes. Selby e Kagawa (2012) ressaltam que a ERRD amplia a compreensão sobre as causas, dinâmicas e efeitos dos riscos, fortalecendo a capacidade da população de atuar de maneira proativa na construção de comunidades mais seguras e resilientes.

O contexto brasileiro evidencia a urgência dessa abordagem. Estimativas apontam para o fato de que cerca de 2.500 (duas mil e quinhentas) escolas públicas estão localizadas em áreas de risco de desastres hidrológicos e/ou geológicos (MARCHEZINI; MUÑOZ; TRAJBER, 2018). Essa realidade reforça a necessidade de políticas públicas contínuas, intersetoriais e integradas, que garantam a ERRD como prática pedagógica sistemática, e não apenas como ações eventuais.

Para consolidar a ERRD no espaço escolar, é indispensável adotar metodologias participativas que favoreçam o diálogo, a escuta ativa e a valorização das experiências dos(as) estudantes. A Tertúlia Dialógica desponta como estratégia pedagógica relevante nesse processo, pois promove a construção coletiva do conhecimento e estimula o pensamento crítico. Essa prática dialoga diretamente com os princípios da pedagogia freiriana, que entende a

educação como um ato político e emancipador. Como afirmado por Freire e Macedo (2002), a leitura do mundo deve preceder a leitura da palavra, de modo que a aprendizagem só se torna transformadora quando possibilita a compreensão crítica das relações sociais e do contexto vivido.

Assim, a ERRD, ao se articular com a pedagogia crítica, transcende o caráter instrumental da prevenção de desastres e assume uma dimensão emancipatória. Trata-se de uma proposta educativa que empodera os(as) estudantes a compreenderem criticamente as vulnerabilidades de seus territórios, desenvolverem práticas coletivas de cuidado e se tornarem protagonistas na construção de comunidades mais justas, seguras e resilientes diante dos desafios impostos pelos riscos socioambientais e pelos desastres.

DES NATURALIZAR OS DESASTRES E PROMOVER REFLEXÕES A PARTIR DO TERRITÓRIO

As oficinas desenvolvidas com os(as) estudantes do 5º ano permitiram a abordagem de temas, como redução de riscos e desastres, redução das mudanças climáticas, percepção de riscos e ERRD a partir da realidade local. A culminância do projeto se deu por meio da Tertúlia Dialógica, na qual os(as) estudantes refletiram sobre os riscos socioambientais a partir da leitura da HQ intitulada “Educação + Participação = uma equação para a redução do risco de desastres”. A proposta possibilitou aos estudantes compartilharem suas interpretações, experiências e preocupações com o território onde vivem, em um espaço de escuta e construção coletiva.

Conforme o que é destacado por Matsuo e Silva (2021), desnaturalizar os desastres e compreender sua complexidade exige uma educação que vai além da reprodução de comportamentos, promovendo a formação de cidadãos(as) críticos(as), resilientes e capazes de conviver com as incertezas. Nesse sentido, nesse projeto, buscou-se tratar dos desastres a partir de uma perspectiva situada, valorizando-se o conhecimento dos(as) estudantes e promovendo sua participação ativa nas discussões. Essa práxis dialoga com as reflexões de Lucena (2024), que ressalta a importância

de envolver crianças em processos educativos voltados à redução das mudanças climáticas (ODS 13), estimulando a construção de sentidos a partir do território vivenciado.

Nesse contexto, é essencial que a ERRD considere os múltiplos fatores geradores dos desastres e promova a análise crítica dos contextos de desigualdade que os intensificam (MATSUO; SILVA, 2021). Ao realizar oficinas e vivenciar a Tertúlia Dialógica, os(as) estudantes foram convidados a repensar o seu papel como sujeitos transformadores e agentes de mudança em suas comunidades.

A experiência evidencia que estratégias pedagógicas dialógicas favorecem a construção de sentidos, despertam o protagonismo infanto-juvenil e contribuem para o fortalecimento da cultura de prevenção e da resiliência comunitária.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi realizado com uma turma de 63 (sessenta e três) estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Santa Teresa, situada na comunidade Céu Azul, em Camaragibe-PE. Para o desenvolvimento da pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa, por reconhecer a complexidade dos fenômenos educativos e a riqueza de significados presentes nas vivências escolares. Tal abordagem, como argumentado por Minayo (2008), é adequada para compreender as dimensões subjetivas e simbólicas que atravessam os processos de ensino e aprendizagem, especialmente quando se busca escutar, interpretar e valorizar as experiências dos sujeitos envolvidos.

A metodologia fundamentou-se na Tertúlia Dialógica, uma prática pedagógica que promove a construção coletiva do conhecimento por meio do diálogo, da escuta ativa e do respeito à diversidade de vozes presentes no ambiente escolar. Inspirada na pedagogia freiriana, a Tertúlia favorece o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia intelectual e da participação cidadã, configurando-se como uma estratégia

transformadora, capaz de articular o conhecimento científico aos saberes da comunidade. Sob essa perspectiva, adota-se a compreensão de que os fenômenos educativos envolvem dimensões simbólicas, subjetivas e relacionais, exigindo metodologias sensíveis e interpretativas para captar a riqueza das experiências humanas, como destacado por Minayo (2008), ao afirmar que a pesquisa qualitativa busca interpretar sentidos e compreender processos sociais construídos pelos sujeitos.

As etapas do trabalho foram organizadas conforme demonstradas no quadro a seguir.

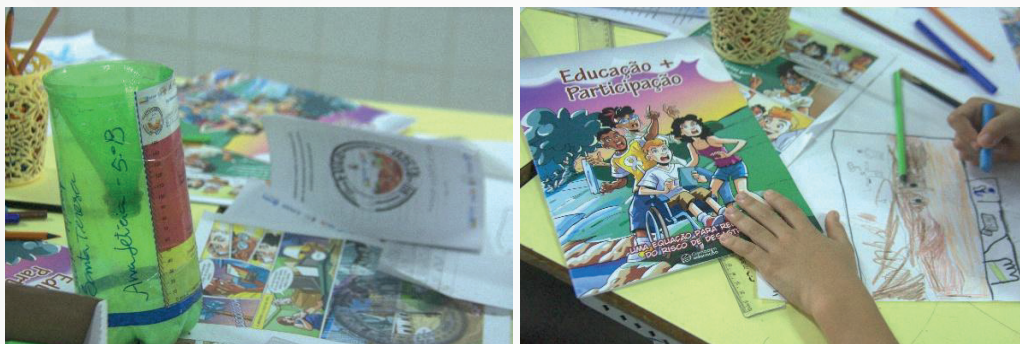
Quadro 1 – Etapas do processo metodológico

Etapas	Descrição
1ª Etapa: Escolha do tema e da mediação	Os estudantes foram convidados a escolher a obra mediadora das discussões dialógicas. De forma dialogada, eles demonstraram entusiasmo com a história em quadrinhos “Educação + Participação = uma equação para a redução do risco de desastres” (PAMPUCH; TRAJBER, 2024). A escolha se deu por afinidade com as temáticas já trabalhadas nas aulas, como os ODS 11 e 13 e os debates sobre problemas urbanos. Nesta etapa, marcou-se a entrada dos estudantes em um processo de Ciência Cidadã, ao se reconhecerem como sujeitos capazes de observar, interpretar e intervir sobre o território em que vivem.
2ª Etapa: Atividades interdisciplinares	Foram realizadas práticas pedagógicas integradas que envolveram leitura compartilhada, debates orientados, produção artística e escrita reflexiva. A interdisciplinaridade favoreceu o diálogo entre conteúdos curriculares e experiências cotidianas.
3ª Etapa: Reconhecimento do território	Com base na escuta e observação ativa, os estudantes realizaram um mapeamento participativo e crítico da escola e de seu entorno, identificando situações de risco socioambiental e refletindo sobre os impactos desses riscos na comunidade.
4ª Etapa: Produção artística reflexiva	A partir das observações e debates, os estudantes produziram desenhos representando os principais problemas urbanos e socioambientais identificados, junto a propostas de transformação local. As produções reforçaram os vínculos com os ODS e estimularam o pensamento positivo.
5ª Etapa: Realização da Tertúlia Dialógica	A culminância do processo ocorreu na realização da Tertúlia, em que os estudantes discutiram criticamente a HQ à luz de suas vivências e observações no território. O encontro tornou-se um espaço efetivo de escuta, diálogo e construção de saberes contextualizados.

Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Na Figura a seguir, demonstram-se momentos das oficinas preparatórias para a Tertúlia: na imagem à esquerda, mostra-se o pluviômetro enquanto na imagem à direita, ilustram-se a HQ e os desenhos de releitura realizados pelas crianças evidenciando a compreensão do tema e suas relações com a realidade da comunidade.

Figuras 1 - Pluviômetro, HQ e desenhos de releitura realizados por crianças



Fonte: Damares Lopes de Albuquerque (2025).

A coleta de dados foi conduzida por meio de observações participantes, registros audiovisuais e análise das produções dos estudantes, tanto escritas quanto visuais. Para a análise dos dados, seguiram-se os princípios da análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2011), o que possibilitou a identificação de categorias, como pensamento crítico, engajamento socioambiental, autonomia e vínculo com o território.

O exercício dialógico promovido pelas Tertúlias revelou-se como um caminho fértil para integrar os saberes escolares aos saberes comunitários, consolidando aprendizagens que extrapolam os muros da escola. As crianças foram incentivadas a expressarem-se com liberdade, a questionarem e a proporem alternativas para os desafios vividos em sua realidade. O conhecimento técnico-científico, quando vinculado ao cotidiano, não se opõe ao diálogo, mas o potencializa. Como afirmado por Teixeira e Ferreira (2017), fornecer acesso a esse conhecimento é garantir o direito à participação plena na sociedade – o que se concretiza por meio da aprendizagem dialógica, que valoriza a escuta, o protagonismo e a ação crítica.

A prática desenvolvida com os(as) estudantes de Camaragibe demonstra que, ao se apropriarem do espaço escolar como lugar de investigação e transformação, os sujeitos tornam-se protagonistas de seus processos formativos. A proposta está alinhada ao que é defendido por Pimenta e Anastasiou (2002), ao sublinharem a importância de uma docência crítica e reflexiva, comprometida com a formação integral.

Ao investir em práticas como a Tertúlia Dialógica, integradas à Ciência Cidadã e à ERRD, reafirma-se o papel da escola como espaço de emancipação, justiça socioambiental e construção coletiva do conhecimento – pilares fundamentais para a promoção da cidadania e da cultura de prevenção no contexto educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A implementação da Tertúlia Dialógica na Escola Municipal Santa Teresa resultou em transformações significativas no processo de ensino e aprendizagem, especialmente no que se refere ao desenvolvimento das competências socioemocionais, cognitivas e cidadãs dos(as) estudantes. A pesquisa, fundamentada em uma abordagem qualitativa e participativa, revelou como o diálogo e a escuta ativa podem tornar-se ferramentas pedagógicas poderosas na construção de saberes significativos e contextualizados.

Os efeitos dessa prática foram observados de maneira processual, respeitando-se as 5 (cinco) etapas metodológicas que compuseram a experiência formativa. Cada uma delas contribuiu de maneira distinta, mas interligada, para o fortalecimento do protagonismo estudantil, da leitura crítica da realidade e da construção de uma cultura de prevenção de riscos no ambiente escolar.

Quadro 2 – Etapas e resultados da pesquisa

Etapas da Pesquisa	Principais Resultados Observados
1ª Etapa – Escolha do tema e da obra mediadora	A escolha da HQ “Educação + Participação = uma equação para a redução do risco de desastres” gerou grande engajamento entre os estudantes. O vínculo com os temas previamente discutidos em sala (como os ODS 11 e 13) e com a realidade local favoreceu a identificação dos educandos com o conteúdo e promoveu os primeiros passos rumo a uma prática de Ciência Cidadã, em que os saberes da comunidade passaram a ser valorizados como ponto de partida do processo educativo.
2ª Etapa – Atividades interdisciplinares	As práticas pedagógicas integradas (leitura, debate, expressão artística) estimularam o interesse pela leitura e ampliaram a capacidade de argumentação e escuta dos estudantes. Crianças que anteriormente demonstravam insegurança ou dificuldade de socialização passaram a se expressar com mais autonomia, desenvolvendo empatia e respeito à diversidade de opiniões.
3ª Etapa – Reconhecimento do território	Durante as caminhadas investigativas, os estudantes observaram e identificaram riscos socioambientais no entorno da escola. Essa experiência promoveu o olhar crítico sobre o território e fortaleceu a conexão entre conteúdo escolar e realidade vivida, aprofundando o entendimento sobre a importância da ERRD e da responsabilidade coletiva.
4ª Etapa – Produção artística reflexiva	A criação de desenhos e textos baseados nos problemas identificados resultou em reflexões profundas sobre o espaço urbano e o meio ambiente. As produções revelaram a capacidade de interpretação dos estudantes e, também, sua criatividade e disposição para propor soluções, indicando apropriação crítica dos conteúdos.
5ª Etapa – Realização da Tertúlia Dialógica	A culminância do processo ocorreu na Tertúlia, momento em que os estudantes dialogaram sobre a HQ à luz de suas experiências e vivências locais. Foi possível observar o fortalecimento da consciência crítica, o aprofundamento do debate e o envolvimento afetivo com o processo de aprendizagem. A Tertúlia consolidou-se como um espaço de construção coletiva do conhecimento, tornando-overdaderamente significativa ao envolver o pensamento crítico, a razão e a emoção.

Fonte: Elaboração das autoras (2025).

ANÁLISE CRÍTICA E DISCUSSÃO

Ao longo das etapas, observou-se uma evolução marcante nas formas de expressão e interação dos estudantes. A Tertúlia Dialógica permitiu que cada estudante fosse reconhecida como sujeito ativo do processo educa-

tivo, com saberes e experiências legítimas. A metodologia contribuiu para o fortalecimento da autonomia intelectual, da cooperação entre pares e da sensibilidade socioambiental.

Como destaca Giroto (2003), o diálogo nesse tipo de atividade convida os participantes a exporem suas leituras de mundo, a validarem ou questionarem ideias, e a se colocarem em um processo coletivo de construção de sentidos. Essa dinâmica foi amplamente percebida ao longo das rodas de conversa e das produções desenvolvidas pelas crianças.

Além disso, ao discutir temas vinculados à ERRD e ao meio ambiente, os estudantes passaram a compreender com mais profundidade as relações entre o espaço urbano, as desigualdades sociais e os riscos vivenciados em seu território. Tal abordagem vai ao encontro da perspectiva freiriana, segundo a qual o conteúdo escolar precisa estar conectado à vida dos educandos. Para Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou construção, sempre em diálogo com o mundo vivido.

Nesse processo, destaca-se a concepção de Educação Climática, compreendida como uma abordagem educativa que une o conhecimento científico sobre as mudanças climáticas às práticas pedagógicas voltadas à participação ativa das comunidades. Essa perspectiva valoriza o diálogo, a escuta e o envolvimento coletivo, estimulando uma percepção crítica e sensível dos riscos socioambientais e a construção simbólica da resiliência diante dos desastres.

A Educação Climática Dialógica reconhece o protagonismo de crianças e adolescentes como agentes de transformação, capazes de criar soluções adaptativas que articulam saberes locais e científicos. Mais do que informar, essa prática busca formar sujeitos conscientes e solidários, capazes de compreender e intervir em seus territórios. Assim, fortalece-se a Educação para Redução de Riscos e Desastres (ERRD) como uma experiência educativa emancipadora, que promove a corresponsabilidade, o cuidado e a esperança ativa na construção de futuros mais justos e sustentáveis.

As atividades também revelaram a potência da articulação entre a educação formal e a ciência cidadã, ao estimular o olhar investigativo dos estudantes sobre seu próprio território. A valorização das percepções infantis sobre riscos e desastres, aliada à escuta ativa dos professores, resultou em uma prática pedagógica mais inclusiva, transformadora e comprometida com a formação integral.

As produções finais – textuais e visuais – demonstraram que a aprendizagem se torna mais rica e duradoura quando vinculada à experiência, à escuta e à reflexão coletiva. Esse resultado também converge com as proposições de Lucena (2024), ao destacar que práticas pedagógicas dialógicas fortalecem a percepção de riscos e promovem o protagonismo dos estudantes na releitura do presente e na formação de um olhar mais cuidadoso com o futuro. Tais achados estão alinhados aos princípios da aprendizagem significativa e da docência reflexiva, conforme defendido por Pimenta e Anastasiou (2002), que veem o professor como mediador e agente da transformação social.

Giroto (2003) destaca que a tertúlia dialógica se constitui em um espaço de encontro e diálogo entre diferentes vozes, no qual a leitura e o debate de textos clássicos atuam como instrumentos de formação e de transformação pessoal e coletiva.

Assim, os resultados reforçam que práticas como a Tertúlia Dialógica, quando integradas à ERRD e aos princípios da educação emancipadora, são capazes de promover uma educação de qualidade, crítica e comprometida com o protagonismo do educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com a Tertúlia Dialógica no contexto escolar reafirma o poder do diálogo como princípio educativo capaz de transformar a sala de aula em um espaço verdadeiramente democrático, participativo e formativo. Ao integrar os fundamentos da aprendizagem dialógica com os princípios da ERRD, este estudo se destaca por ser uma das primeiras

experiências brasileiras a associar sistematicamente a Tertúlia Dialógica à ERRD no ensino fundamental. Tal contribuição é original e relevante, pois amplia o campo das práticas pedagógicas inovadoras em territórios vulnerabilizados, reforçando o papel da escola como espaço de emancipação, resiliência comunitária e construção coletiva do conhecimento.

A prática revelou-se profundamente alinhada aos pressupostos da Aprendizagem Significativa, ao articular teoria e prática de forma contextualizada, conectando o conteúdo curricular à realidade vivenciada pelos educandos. A escuta sensível e o debate coletivo permitiram que os educandos compartilhassem suas percepções sobre os riscos do território, naturalizando o diálogo sobre prevenção e fortalecendo vínculos entre saberes escolares e saberes locais.

Ao integrar os fundamentos da aprendizagem dialógica com os princípios da Educação para a Redução de Riscos de Desastres (ERRD), o trabalho evidenciou a potência das práticas pedagógicas que valorizam a cultura da participação, da solidariedade e do cuidado com o outro e com o meio ambiente. A leitura compartilhada, ancorada na história em quadrinhos *Educação + Participação = uma equação para a redução do risco de desastres*, possibilitou o debate, como também a construção coletiva de sentidos sobre RRD, cidadania e pertencimento territorial.

Dessa forma, o presente estudo oferece subsídios relevantes para a ampliação e sistematização do uso da Tertúlia Dialógica nas escolas públicas, especialmente em territórios vulnerabilizados. Destaca-se seu potencial como ferramenta educativa potente, promotora da cidadania ativa, do respeito às diferenças e da construção coletiva do conhecimento, reafirmando a escola como espaço de transformação social e fortalecimento da resiliência comunitária.

AGRADECIMENTOS

Este artigo foi elaborado a partir da experiência pedagógica desenvolvida na Escola Municipal Santa Teresa, em Camaragibe-PE. Agradecemos

a todos os estudantes, professores, equipe gestora e colaboradores que, com dedicação e entusiasmo, tornaram possível a realização desta experiência.

Manifestamos nosso reconhecimento à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por meio do Grupo de Engenharia Geotécnica de Encostas, Planícies e Desastres (GEGEP/UFPE), pelo apoio institucional e incentivo à pesquisa e às práticas educativas voltadas à Educação para Redução de Riscos de Desastres.

Agradecemos também ao CEMADEN, por meio do Cemaden Educação, que nos inspirara e apoia através da HQ “Educação + Participação = uma equação para a redução do risco de desastres” e das Jornadas Pedagógicas, fortalecendo a implementação de atividades educativas significativas e contribuindo para a formação de estudantes e professores engajados na prevenção de riscos de desastres.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil [...]. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 11 abr. 2012.

BRASIL. Lei nº 14.926, de 17 de julho de 2024. Altera a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, para assegurar atenção às mudanças do clima, à proteção da biodiversidade e aos riscos e vulnerabilidades a desastres socioambientais no âmbito da Política Nacional de Educação Ambiental. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 18 jul. 2024.

CARDONA, O.-D. **Evaluación de la amenaza, la vulnerabilidad y el riesgo**: elementos para el ordenamiento y la planeación del desarrollo. Bogotá: Universidad de Los Andes, 1991. Disponível em: <https://www.desenredando.org/public/libros/1993/ldnsn/html/cap3.htm>. Acesso em: 28 out. 2025.

FLECHA, R.; MELLO, R. Aprendizagem dialógica: contribuições para a prática educativa. *In*: GIROTTTO, C. A. A. (org.). **Aprendizagem significativa e práticas sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura do mundo e leitura da palavra. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GIROTTTO, C. A. A. Tertúlia dialógica e aprendizagem significativa: leitura e debate como instrumentos de formação. **Contrapontos**, Itajaí, v. 3, n. 3, p. 449-457, set.-dez. 2003.

MARCHEZINI, V.; MUÑOZ, D.; TRAJBER, R. Educação em redução de riscos e desastres no Brasil: marcos legais e desafios para a implementação de políticas públicas. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 10., 2018, Curitiba. **Anais [...]**. [S.l.: s.n], 2018.

MATSUO, M.; SILVA, R. C. Educação em ERRD e as infâncias: desafios e possibilidades. *In*: TRAJBER, R.; MUÑOZ, D.; MATSUO, M. (org.). **Educação para redução de riscos e desastres**: experiências brasileiras. São Paulo: Instituto IEE, 2021.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/o-desafio-do-conhecimento-minayo-pdf-free.html>. Acesso em: 26 out. 2025.

OLIVATO, D. *et al.* Educação para redução de risco de desastres: formação de agentes multiplicadores e da rede no Litoral Norte de São Paulo – Brasil. *In*: IWAMA, A. Y.; AGUILAR-MUÑOZ, V.; SELEGUIM, F. B. (org.). **Riscos ao Sul**: diversidade de riscos de desastres no Brasil. Ubatuba: Isso dá um Livro, 2023. Disponível em: <http://www.riesgosalsurbrasil.org/conteudo.html>. Acesso em: 22 jul. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. **Nações Unidas no Brasil**, Brasília-DF, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda-2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 4 out. 2015.

PAMPUCH, L. A.; TRAJBER, R. **Educação + Participação = uma equação para redução do risco de desastres**. 3. reimpr. São José dos Campos: UNESP; Cema-den, 2024.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**: bases para a construção da autonomia. São Paulo: Cortez, 2002. Disponível em: https://www.edufma.ufma.br/wpcontent/uploads/woocommerce_uploads/2021/04/FORMA%20C3%87%C3%83O-DE-PROFESSORES.pdf. Acesso em: 21 out. 2024.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978. SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SELBY, D.; KAGAWA, F. **Disaster Risk Reduction in School Curricula: Case Studies from Thirty Countries**. Paris: UNESCO/Geneva: UNICEF, 2012. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000217036>. Acesso em: 28 out. 2025.

SOUSA, A. *et al.* Contribuições da equipe interdisciplinar na qualidade de vida de pacientes com fibromialgia: uma breve revisão. **Revista de Educação, Ciência e Saúde**, v. 2, n. 2, 2022. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/588281497/souza-et-al-2022-v-2-n-2>. Acesso em: 26 out. 2025.

TEIXEIRA, R. A.; FERREIRA, N. O. **Tertúlia literária: a escola, a sala de aula e a leitura dialógica**. *Dialogia*, n. 27, p. 131-143, 2017.

TRAJBER, R. "Educação Ambiental, mudanças climáticas e prevenção de desastres: por políticas públicas emergentes e emergenciais." In: GUERRA, A. F S.; FIGUEIREDO, M. L. (orgs.). **Diálogos de Saberes e Fazeres**: uma releitura dos 25 anos da trajetória da educação ambiental brasileira. São José: ICEP, 2016. p. 253-277.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DISASTER RISK REDUCTION. **The Sendai Framework for Disaster Risk Reduction 2015-2030**. Adopted at the Third UN World Conference on Disaster Risk Reduction in Sendai, Japan, on March 18, 2015. Geneva, Switzerland: UNDRR, 2015. Disponível em: <https://www.undrr.org/>

publication/sendai-framework-disaster-risk-reduction-2015-2030#downloads.
Acesso em: 30 out. 2025.

VEYRET, Y. **Os riscos**: o homem como agressor e vítima do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 2011.

VIANA, B.; QUEIROZ, C. Ciência cidadã para além da coleta de dados. **ComCiência**: Revista Brasileira de Jornalismo Científico, n. 221, 2020. Disponível em: <https://www.comciencia.br/ciencia-cidada-para-alem-da-coleta-de-dados/#more-6668>. Acesso em: 21 jul. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/a-formac3a-7c3a3o-social-da-mente.pdf>. Acesso em: 28 out. 2025.